

## Os Berrões e as Lendas: a Porca de Murça

Alexandra Vieira<sup>1</sup>

**Resumo:** Ao longo dos tempos as nossas comunidades tentaram explicar e interpretar os diferentes tipos de vestígios arqueológicos descobertos nas “suas terras”, levando ao surgimento de um conjunto de atitudes e práticas associadas à tradição oral e, em particular, à formação de lendas. Partindo da análise da lenda da Porca de Murça, pretende-se contribuir para o conhecimento do imaginário associado aos berrões da Idade Ferro.

### 1. Introdução

Começamos este artigo, definindo, ainda que brevemente, os conceitos de tradição oral e de lenda. De seguida, apresentamos as diferentes versões da Lenda da Porca de Murça<sup>2</sup>. Por fim, exploramos a tradição oral associada aos berrões, tecendo, em jeito de conclusão, alguns comentários sobre este tema.

Uma das principais finalidades do estudo da tradição oral passa pela “reconstrução ou construção do passado” através de fontes orais. A tradição oral é “entendida como a transmissão de saberes feita oralmente pelo povo, de geração em geração, saberes que tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos que o povo guarda na memória” (Parafita, 2006: 57). No que concerne especificamente o conceito de lenda, esta pode ser entendida como uma “narrativa curta de cariz regional/nacional, perpetuada geralmente pela memória popular” (Frazão, 2006: 14) ou um “relato transmitido por tradição oral de factos ou acontecimentos encarados como tendo um fundo de verdade, pelo que são objeto de crença pelas comunidades a que respeitam” (Parafita, 2006: 61).

Consideramos que os vestígios arqueológicos, neste caso em particular, os berrões, podem ser entendidos como dispositivos mnemónicos que estruturam a Memória Social das comunidades locais, os seus costumes e práticas.

1. Alexandra Vieira é licenciada em História, variante Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde conclui, em 2015, o doutoramento em Arqueologia. Entre 2001 e 2003 colaborou com várias empresas de arqueologia, onde exerceu funções inerentes ao estudo e salvaguarda do património arqueológico. Desde outubro de 2003 que é docente do Departamento de Artes e Humanidades, da Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo – Instituto Politécnico de Bragança. Atualmente, é investigadora integrada do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Email: [alexandra.vieira@gmail.com](mailto:alexandra.vieira@gmail.com)

2. Fotografia da página ao lado (Porca de Murça) da autoria de Eduardo Pinheiro.



## 2. Os Berrões

Os berrões são esculturas ou fragmentos de esculturas em pedra, que podem representar porcos ou touros. Distribuem-se, em território português, pelo Interior Norte de Portugal, tendo uma presença predominante em Trás-os-Montes (Silva, 1990: 336). Estas esculturas zoomórficas de porcos, javalis e touros podem remontar à Segunda Idade do Ferro – período compreendido entre o século V e a segunda metade do século II a.C. (Fabião, 1997: 181) e constituem um elemento comum entre a região transmontana, a Beira Alta e a meseta espanhola (*Idem*, 187).

Segundo Raquel Vilaça, estamos na presença de esculturas toscas, nomeadamente machos, realizadas em granito, com a representação dos órgãos sexuais, em pé e com as patas paralelas, aos quais são atribuídas determinadas funções, nomeadamente a de afastar o mal, de guardar túmulos, de divindades que tutelavam os castros. Há quem os interprete ainda como elementos de marcação do território, protegendo gado e pastos. Estas figuras podem aparecer isoladas ou em conjuntos, sendo esta situação mais rara, realidade conhecida apenas no Monte de Santa Luzia, Freixo de Espada à Cinta e Castelar/Puio, em Picote, Miranda do Douro (Vilaça, 2012: 59–60).

A obra de maior vulto sobre Berrões em Portugal foi publicada por Joaquim dos Santos Júnior, em 1975, e intitula-se: “A cultura dos berrões no nordeste de Portugal”. Nesta obra, este autor faz uma descrição detalhada dos cerca de 49 exemplares que surgem em Trás-os-Montes e Alto Douro, distinguindo 37 porcos, três javalis, sete touros, uma cabra ou bode e um urso. Estas esculturas foram realizadas em granito com duas exceções: uma peça esculpida em mármore e outra em talco (Santos Júnior, 1975: 491). Em 1985, no artigo “Animal Images and Zoolatry” Santos Júnior atualiza o número de berrões conhecidos em Portugal para os 63 exemplares. Recentemente, Joan Garibo Bodí e Sérgio Simões Pereira, referem a existência de 74 berrões encontrados em Portugal: “(...) são contabilizados 69 verrões com a seguinte distribuição: Trás-os-Montes 65, Beira Alta 5, Minho 4, Douro Litoral 1 e Beira Baixa 1. A estas quantidades temos que acrescentar, 4 seguros e 1 possível, novos verrões encontrados durante as prospeções, 1 na aldeia de Cabanas de Baixo, 2 no adro das antigas escolas de Vilarelhos, 1 no pombal existente no sítio do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta) e 1 possível na capela de Nossa Senhora do Roncal, Adeganha” (2016, nota 1: 554). Entretanto, algumas notícias avulsas referem a descoberta de novas peças, que fazem aumentar os dados apresentados.

Em Portugal, designam-se por berrões os porcos não castrados ou de cobrição. Em Espanha são conhecidos por verracos. Segundo Santos Júnior, em muitas aldeias transmontanas teria havido o berrão de comum, berrão comunitário ou do povo, que servia para fecundar todas as porcas de uma determinada aldeia. Estas designações populares teriam sido assimiladas pelos arqueólogos para designar este tipo de vestígios arqueológicos. E, efetivamente, as representações mais frequentes são as de porcos do sexo masculino, com a representação dos testículos (Santos Júnior, 1975: 354).

Segundo Joaquim Pais de Brito, a propósito das rodas de Rio de Onor (Bragança), até 1975 teria existido o berrão do povo, um animal que servia como reprodutor:

“A outra roda destinava-se ao alojamento e sustento do berrão ou porco da coberta, escolhido, cada ano, pelo conselho dentre os que havia na aldeia e adquirido para serviço público. Foi Boaventura o último vizinho a ter a seu cargo, em 1975, o berrão do povo, deixando de haver, desde então, um reprodutor de propriedade colectiva e os consequentes turnos anuais de guarda (...)” (Brito, 1990: 527).

Deste modo, é possível aferir que a existência de berrões comunitários subsistiu, numa aldeia comunitária como Rio de Onor, até ao terceiro quartel do século XX, no distrito de Bragança, onde abundam, em Portugal, exemplos de estátuas de berrões.

Estas peças escultóricas são normalmente encontradas fora do seu contexto original, tendo sido, ao longo dos tempos, movidas para os mais diversos locais, normalmente para o centro de aldeias, ladeando igrejas, pelourinhos ou integrando as coleções de museus. A sua descoberta fora do seu contexto arqueológico original vem dificultar a interpretação da sua funcionalidade.

## 3. A Porca de Murça

No decorrer da nossa pesquisa sobre a tradição oral que se encontra associada à lenda da Porca de Murça, detetamos informação díspar, mas que nos indica de que forma a “Porca” tem sido interpretada, ao longo dos tempos, pelas comunidades e historiadores.

Uma primeira referência é feita, em 1548, por João de Barros que menciona (...) “hu grande Boi feito de pedra mui antigo”. Segundo António Luís Pinto da Costa que transcreve o texto de João de Barros:

“Está logo a Villa de Murça junto ao Rio Tinhela, que cria grandes trutas, terra de muito pão, vinho, azeite, mel onde está hu grande Boi feito de pedra mui antigo, como hu que esta na ponte de Salamanca. Parece que estes bois ficarão do tempo dos Gregos” (Barros, 1919:158 Apud Costa, 1992: 41).

No século XVIII, o Padre António Carvalho da Costa, descreve, na sua obra: a “Corografia Portuguesa e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal”, datada de 1706, que:

“Está nesta Villa, defronte da praça della, em pedra grande, a forma de um usso, cuja significação (dizem seus moradores) he de ser tam antiga a Casa dos Donatários desta Villa, antes que os Mouros tivessem o vencimento da batalha que ganharão a El Rey D. Rodrigo nos campos de Guadalete no anno de 714: & como os que escaparão della se retirarão a Galliza,

Astúrias & montanhas de Burgos, se fizerão os Mouros em oito mezes senhores de toda Espanha; passados muitos annos os progenitores desta Casa tornarão a ganhar esta Villa & as duas que mais tem nesta Comarca (que dizem seus antepassados tinham) aos Mouros, & segundo a tradição no tempo del-Rey Dom Affonso o Primeiro de Castella, no anno de 757, & achando a terra povoada de ussos, que destruíão as colmeas, fizerão delles montarias, & os matarão, em cujo reconhecimento os moradores, além dos foros de pão, vinho & dinheiro atrás referidos lhe pagão os três arrateis de cera em satisfação do beneficio recebido: depois levantavão gente paga á sua custa para as guerras, & se lhes fazia seu assento ao pé deste Usso, com que ganharão nove Castellos, que tem este termo, povoados & sustentados pelos Mouros naquelle tempo” (Costa, 1706: 464).

Em 1875, Pinho Leal, escreve o seguinte texto sobre “A porca de Murça”, no seu artigo sobre Murça de Panoyas, que vem acrescentar novos dados à versão apresentada pelo Padre António Carvalho da Costa:

“No meio da praça da villa, e em frente da camara, se vê um môno de pedra, que tanto póde ser um porco, como um urso, hipopotamo ou elefante. É a porca de Murça. Segundo a lenda, era no século VIII, esta povoação e seu termo, assolados por grande quantidade de ursos e javalis. Os senhores da villa, secundados pelo povo, tantas montarias fizeram, que ou extinguiram tão damninhas féras ou as escorraçaram para muito longe. Mas, entre esta multidão de quadrupedes, havia uma porca (outros dizem uma ursa) que se tinha tornado o terror dos povos, pela sua monstruosa corpolencia, pela sua ferocidade, e por ser tão matreira, que nunca podia ter sido morta pelos caçadores. Em 757, o senhor de Murça, cavalleiro de grandes forças e não menor coragem decediui matar a porca, e taes manhas empregou que o conseguiu; libertando a terra de tão incommodo hóspede. Em memória d’esta façanha, se construiu o tal monumento, alcinhado a porca de Murça, e os habitantes da terra se comprometteram, por si e seus successores, a darem ao senhor, em reconhecimento de tão grande beneficio, para elle e seus herdeiros, até ao fim do mundo, cada fogo 3 arrateis de cêra, annualmente, sendo pago este fôro mesmo junto à porca” (Leal, 1875: 591).

Apresentamos de seguida a lenda da Porca de Murça, segundo o Arquivo Português de Lendas (2016, em linha), cuja recolha foi efetuada no ano de 2002 e teve como informante o Sr. António Martins (M), 64 anos, Murça:

“Contam as gentes mais antigas da vila de Murça que, há tempos imemoriais, os seus habitantes andavam atormentados. A causa desse tormento era uma ursa, feroz e esfomeada, que atacava a povoação em busca de alimento. Violentava as pessoas e chegava mesmo a comer crianças se as apanhasse. Revoltados de tanto sofrer com a morte dos seus familiares e amigos, os habitantes resolveram enfrentar o medo e lutar contra o feroz animal. Reuniram-se

os homens mais fortes da aldeia, traçaram planos e foram à procura da ursa. Foi travada uma luta, chegando mesmo alguns deles a ficar feridos. Mas a ursa saiu derrotada e morta. Os habitantes regressaram às suas casas vitoriosos e contentes. Mandou-se fazer, para que este feito não fosse esquecido, a estátua de uma ursa em pedra, que foi implantada na praça da povoação, e mudou-se-lhe o nome para Murça, em homenagem à coragem dos heróis que salvaram a população” (Arquivo Português de Lendas, 2018).

Em 1548, num período marcado pelo Renascimento em toda a Europa e pelo interesse nas sociedades clássicas, João de Barros associa a figura do berrão a um quadrupede, um boi, que teria ficado nestas terras desde tempos muito antigos (“o tempo dos gregos”, por si sugerido).

José Leite de Vasconcelos advoga que a versão da lenda relatada pelo Padre António Carvalho da Costa “contém elementos literários, porque na tradição oral não se encontram nomes de personagens historicamente definidos, nem datas exactas, como aqui” (Vasconcelos, 1913: 16). Como vimos, a versão da lenda recolhida no Arquivo Português de Lendas, apresenta dados mais vagos do que o texto apresentado pelo Padre António Carvalho da Costa e por Pinho Leal, não fazendo referência a datas nem nomes de personagens históricas. Efetivamente, parece que a lenda vai perdendo pormenores entre a descrição de 1706 e a atualidade.

No texto do Padre Carvalho da Costa existem referências à invasão árabe da Península Ibérica, marcada pela derrota que o rei visigodo, D. Rodrigo, teve frente aos árabes na Batalha de Guadalete em 711. Esta batalha marca o fim do Reino Visigodo e o início do domínio árabe da Península Ibérica. A data de 757 refere-se ao momento da morte do rei D. Afonso I das Astúrias, que retoma a Reconquista Cristã contra os Mouros (Mattoso, 1997: 292-293; Oliveira Marques, 1993: 121-124). São momentos significativos na história da Península Ibérica e das suas populações, que veem os seus modos de vida e a sua subsistência afetados.

Note-se que, na versão do Padre Carvalho Costa, a porca de murça (ou a ursa) é caçada pelo “senhor”. Ou seja, há a referência a uma casa nobre que, por livrar a população de um perigo, acabaria por legitimar o seu poder sobre o território e, quiçá, sobre o pagamento de impostos. Esta alusão a uma casa senhorial permite associar a lenda a uma mitologia medieval que suporta o sistema senhorial. A este propósito, Alfredo Erias Martínez (1999), salienta que, para além da guerra, a caça foi uma prática que concorreu igualmente na edificação de tal mitologia:

“Téngase en cuenta que un hecho de caza memorable es registrado por las crónicas como una proeza de guerra, siguiendo la tradición antigua (Alejandro Magno, el emperador Adriano, Carlomagno...), lo que dio lugar a una amplia literatura cinegética en toda Europa. El protagonista de estas batidas “heroicas”, es por excelencia el caballero” (Erias Martínez, 1999: 319).

Com efeito, como é sugerido pelo autor, a caça de um animal feroz é um feito importante na estabilização das condições de vida de uma população, sendo igualmente importante na

criação/consolidação do poder de casas (ou linhagens). “As genealogias de origem mítica e os direitos heroicos de guerra ou de caça dos antepassados, reais ou ficcionais, são fundamentais para a estruturação social da linhagem da nobreza” (*Idem*. 324). O nobre cavaleiro surge como um “novo herói cristão semidivinizado”, sendo possível que o javali, assim como outros animais particularmente perigosos como o urso e o lobo, tivessem um papel importante nos ritos de iniciação dos guerreiros de povos antigos, de tal maneira que matar um destes animais lhes conferia o estatuto de “guerreiro” (*Idem*. 328). Nas cortes de Lisboa (1459) e nas cortes de Évora (1460) existe a indicação que se podia caçar veados e outra fauna, com exceção de “hu(r)ssos e porcos” cuja caça era restrita ao rei e nobreza para seu “desemfadamento”. Nas Ordenações Afonsinas: “Além de ursos, proibidos em todo o reino [...], de javalis e perdizes, estava também impedida a caça às lebres, excepto con galgos” (Fonseca, 1998: 40 *apud* in Erias Martínez, 1999: 319). Isto explicaria o porquê de no texto do Padre Carvalho da Costa e de Pinho Leal surgir a figura do Senhor de Murça, que teria liderado a caça ao mostrengo, num texto apelidada de ursa e no outro de porca. No imaginário popular, por outro lado, perdem-se as referências históricas e aos nobres, salientando a coragem e a valentia dos homens mais fortes da aldeia.

A Porca de Murça, tal como é hoje conhecida, e apesar de ser apelidada de “boi”, de “ursa” ou de “porca” na documentação histórica e nas lendas apresentadas, é efetivamente uma imponente estátua de um berrão, um macho, em granito, atestado pelas saliências testiculares (Santos Júnior, 1975: 362). Mas não é caso único. A Porca da Vila de Bragança, a berrôzinha da Açoreira (Moncorvo) e a berrôa de Torre de D. Chama (Mirandela), são igualmente interpretadas como fêmeas, apesar de serem representações de machos.

#### 4. A tradição oral associada aos Berrões

Os berrões são parte integrante da tradição oral das comunidades. Vejamos alguns exemplos do modo como estes vestígios arqueológicos foram integrados nos modos de vidas das comunidades:

- Os berrões de Castelo Mendo (Almeida): os dois berrões desta localidade são denominados “elefantes” aos quais teriam sido removidas as trombas, devido ao “medo” que tais figuras causavam nos animais de carga:

“O Sr. Amílcar Pinheiro da Costa, residente em Castelo Mendo, disse lembrar-se de terem quebrado as cabeças “àqueles dois porcos, e que a razão de tal mutilação foi a de os animais ao passarem por ali tomarem medo” (Santos Júnior, 1975: 372). “Consta que o povo os designa de «elefantes». Consta ainda que os animais de carga, ao entrarem na povoação, chegavam a espantar-se com medo dos longos focinhos dos «elefantes» e que, por isso, o povo resolvera mutilar-lhe as trombas. Desde então cessou o terror aos porcos de Castelo Mendo, que constituem um casal” (Adriano Vasco Rodrigues, 1958: 393 *apud* Santos Júnior, 1975: 376).

- Cabeça de berrão de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta): Relativamente a este berrão, a oralidade remete para a sua circulação em diferentes contextos sociais: teria servido de peso às grades de gradar a terra nas sementeiras; teria sido abandonada e servido como elemento de uma parede até ser enterrada “por umas mulheres”, próximo da capela de Sant’Ana; finalmente, foi exumada e armazenada na mesma capela. Os relatos orais referem que o seu achamento suscitou grande curiosidade dentro da população local; “consta-se que um dos visitantes, depois de olhar atentamente, terá dito: - No meio desta cabeça, no sítio dos miolos, é capaz de haver um tesouro” (Santos Júnior, 1981: 102-103).

- O berrão do Cabeço da Senhora da Assunção (Vila Flor): foi encontrado a 13 de Junho de 1967 na encosta do santuário da Senhora da Assunção (Vila Flor); o berrão foi encontrado fragmentado em 5 pedaços, tendo sido reconstituído por Nuno Aragão, o seu achador, sendo, posteriormente, entregue ao Museu de Vila Flor (Santos Júnior, 1975: 136).

- Vila dos Sinos (Mogadouro): no adro da igreja de Vila dos Sinos, há uma escultura em granito representando um porco, no tipo da Porca da Vila de Bragança; diz o povo que é um ídolo dos mouros e já tentaram desfazê-lo, por entenderem que dentro tem um grande tesouro escondido (Alves, 2000: 545).

- Os berrões do Castro de Santa Luzia (Freixo de Espada à Cinta): anteriormente a 1975, foram encontrados 15 berrões, “todos mais ou menos fragmentados, alguns dos quais reduzidos a bem escassas proporções” (Santos Júnior, 1975: 406).

- O berrão do adro de Coelhooso (Bragança): encontra-se ao lado da igreja, quase encostado a uma das suas paredes; está mutilado; não tem cabeça; as patas estão quebradas; traseira mutilada, tendo desaparecido a zona onde costuma estar esculpido o sexo do animal (Santos Júnior, 1975: 384).

- A Fonte do Porco em Linhares (Carrazeda de Ansiães): de onde teria sido retirado, “[cerca de 1700], a figura de um porco de pé (berrão), a que quebraram a cabeça, inserindo a parte do corpo no muro de um quintal, peça entretanto desaparecida” (Silva e Campos, 2016-2017: 40).

- Os dois berrões de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo): os berrões encontram-se voltados um para o outro, ladeando um portão de ferro, que fecha o caminho que leva à Capela de Santo André; um deles é interpretado pela população local como sendo um touro, mas segundo Santos Júnior estamos na presença de dois berrões; existe a crença de que no monte de Santo André há um grande tesouro: “No monte de Santo André, entre o porco e o touro, há um grande tesouro do rei mouro” (Santos Júnior, 1975: 397).

- Os sete berrões das Cabanas de Baixo (Cabeça Boa, Torre de Moncorvo): nesta aldeia há um olival que era conhecido pelo nome de Olival dos Berrões, registado pelo Padre José Augusto Tavares, onde apareceram “seis esculturas em granito, em média de 1,5m de comprimento, representando porcos, berrões, como aqui chamam ao macho inteiro, isto é, por castrar, completos alguns e bem conservados, outros incompletos desde a sua origem ou apenas esboçado” (Alves,



2000: 543). Segundo Santos Júnior, não são seis berrões mas sim sete exemplares, que se encontram, hoje em dia, no Museu Nacional de Arqueologia.

- Os berrões de Parada de Infanções (Bragança): segundo a tradição oral teriam sido encontrados três berrões nas proximidades de Parada de Infanções. Apenas um se encontra no adro da igreja, sendo designado de Berrão do Adro ou Berrão da Coberta. Santos Júnior considera que estamos na presença de um touro ao qual não foi esculpido “o rabo lançado em arco sobre o lombo” que é visível nos touros de Lígares, Vila de Sinos e de Malhadas, este último colocado na cumieira de uma casa que se situa ao lado da Igreja de Malhadas (Santos Júnior, 1975: 386). Existem informações díspares em relação aos berrões de Parada de Infanções. Segundo a lenda registada em 1884 por José Leite de Vasconcelos, teria havido um porco e uma porca, “de que se pagavam grandes tributos”; por esse motivo teriam colocado a porca na parede da igreja e deixado o porco no adro (Vasconcelos, 1913: 25). O Abade de Baçal interpreta a figura que se encontra no adro como uma fêmea, e refere que o macho teria sido colocado na parede da igreja porque “os seus testículos, grandemente avultados, causavam escândalo, (...) ou por causa dos grandes tributos que se pagavam em razão desses quadrúpedes, como informaram o Doutor Leite de Vasconcelos” (Alves, 2000: 545).

- Os Berrões de Picote (Miranda do Douro): Em Picote foram detetados vários berrões, destacando-se o único berrão encontrado *in situ*, em contexto arqueológico, escavado por Santos Júnior, que registou uma câmara circular (onde apareceu o berrão) que possuía um corredor de 9 metros. A escultura encontra-se mutilada, sendo que a cabeça terá sido decepada à martelada. Dentro da estrutura foram exumados fragmentos de cerâmica manual, mas na sua maioria cerâmica rodada, que na perspetiva deste autor inclui: “Alguns fragmentos de vasos altos, próprios para conter líquidos. Outros fragmentos de vasos baixos, ladeiros, à maneira de pratos, seriam possivelmente, destinados a substâncias sólidas, carne, frutas ou comida”, admitindo algum tipo de culto ao berrão, que funcionaria como ídolo (Santos Júnior, 1975: 438). A par dos fragmentos cerâmicos, foram exumados vestígios osteológicos de boi, carneiro, cabra, porco e coelho, interpretados por Santos Júnior como restos de comida, o que reforça a sua ideia da existência de um culto de Zoolatria associado aos berrões (Santos Júnior, 1984: 688).

Para além dos exemplos que acabamos de apresentar, há dois casos que se destacam devido à associação dos berrões aos pelourinhos (Alves, 2000: 542): “Em algumas partes aparecem estas esculturas ligadas a pelourinhos, como a Porca da Vila de Bragança, que serve de suporte ao desta cidade, e a da Torre de D. Chama, mas nenhuma relação tem uma coisa com outra: os pelourinhos são medievais e posteriores aos quadrúpedes em questão”.

- A Porca da Vila (Bragança): também designada como porca do pelourinho, é uma estátua de dimensões consideráveis, partida a meio, possivelmente aquando da colocação da coluna do pelourinho no seu interior. Foram cravados “gatos de ferro” para manter as duas metades da escultura unidas. O berrão encontra-se em cima da base do pelourinho de quatro degraus.



Fig. 1 Berroa e Pelourinho de Torre de D. Chama (Mirandela)



Fig. 2 Porca da Vila (Bragança)

Em 1706, o Padre Carvalho da Costa não menciona o berrão, apesar de mencionar o pelourinho, facto que nos pode indicar que a junção de ambos os elementos (pelourinho e berrão) pode ser posterior a essa data (Santos Júnior, 1975: 377).

- Berrão de Torre de D. Chama (Mirandela): sobre este berrão, também erroneamente apelidado de Berrão, existem dois aspetos que gostaríamos de analisar. Nas Memórias Paroquiais de 1758, é feita a seguinte descrição sobre Torre de D. Chama:

“Tem duas praças, mas ambas pequenas, em humma está o pelourinho della, dos mais bem feitos que há por estas terras. Tem ao pé humma ursa de pedra, (...). E se diz que andando humma ursa nas terras do Senhor de Murça que fazia muito danno, o senhor da terra mandara juntar os moradores della e a matara e a mandara pôr da sorte que dito fica na sua praça e dahi tomaram o titulo dos senhores de murça e a mesma villa tomara o nome, deribando-se de ursa, em Murça” (Capela, 2007: 512).

Como podemos ver, existe a referência a uma “ursa” de pedra, que se localiza numa das praças desta povoação e que se encontra ao lado do pelourinho. Nas Memórias Paroquiais de 1758 menciona-se, ainda que de forma mais sumária, que o Senhor de Murça terá morto a “ursa” que

perturbava as populações. Existem duas possibilidades: 1) as histórias são semelhantes e temos duas referências, em localidades diferentes, sobre o Senhor de Murça e suas façanhas heroicas na defesa das suas terras contra a “ursa”; 2) terá havido alguma confusão e repete-se a história da Porca de Murça, mas erroneamente, para a berrôa de Torre de D. Chama. Os autores citados tendem a considerar que as lendas da Porca de Murça e da berroa de Torre de D. Chama são semelhantes, no entanto, tal facto causa-nos alguma estranheza. Talvez uma análise da documentação medieval e moderna possa trazer alguma luz sobre esta questão.

Segundo Santos Júnior, Norberto Manuel de Carvalho, de 84 anos, refere, em 1962, “que «já o seu avô dizia» não saber de onde teria vindo aquele bicho de pedra. Disse ainda que os leitões postos em cruz no remate cimeiro do pelourinho eram filhos da porca. Santos Júnior relata ainda a conversa que teve com uma “simpática velhota” que lhe falou da “porca”:

- “A nossa berrôa é de muito empenho. E olhe que esta berrôa já vem do princípio do mundo; Informou [a senhora] que os rapazes costumam dizer:
- Tenho uma rapariga na Torre e é tão gorda! Então quem é? Pergunta-se. Ao que eles respondem:
- É a berrôa. Quando sugeri àquela mulher que, para evitar que algum tolo ou borracho viesse mutilar aquela estátua, seria conveniente levá-la para um museu, a resposta foi imediata.
- Bô era! Não que a berrôa é nossa” (Santos Júnior, 1975:444).

Segundo o Abade de Baçal (1918: 319) o carácter de alguns homens e mulheres é associado à Porca da Vila ou Porca de Murça com um sentido pejorativo:

- “As expressões – é tam honrada como a Porca da Vila – [de Bragança] ou – é tam honrada como a Porca de Murça – são correntes em terras de Bragança para indicar mulheres de costumes fáceis e mesmo homens de pouca probidade, e como explicação do simile injurioso dizem que a essas duas Porcas caiu o rabo, de gasto à fôrça de titilações sôbre a vulva”.

#### 4. Notas Finais

Em Portugal, os três autores citados: Santos Júnior, José Leite de Vasconcelos e Abade de Baçal, registaram, a par dos dados arqueográficos, as tradições populares associadas aos berrões.

Quando se analisa a forma como as comunidades locais lidaram com os vestígios arqueológicos destas estátuas zoomórficas da Idade do Ferro, um dos aspetos mais recorrentes é a crença na possibilidade de, no seu interior (designadamente na cabeça), se encontrar um tesouro, levando à sua mutilação, sendo a peça partida em pedaços para confirmar a hipótese. Por esse motivo, muitos destes exemplares encontram-se completamente fragmentados ou apenas mutilados, seja



Fig. 3 Berroa de Torre de D. Chama (Mirandela)

na cabeça, nas patas ou nos testículos. Talvez a mutilação genital esteja associada a algum tipo de moralidade, que chocava os habitantes das nossas aldeias ao longo dos tempos.

Outro facto que se destaca, é a sua associação a pelourinhos ou ao pagamento de impostos junto à estátua, o que a torna num determinado símbolo de “ordem” social ou de poder. Por outro lado, temos a sua colocação no adro das igrejas, na entrada de povoações ou propriedades, conferindo-lhe um carácter protetor ou sagrado, apesar do medo que provocam a pessoas e animais.

A robustez de muitas destas estátuas, a sua “intemporalidade”, o desconhecimento do seu contexto original, a “rápida” perceção de que representam animais presentes no quotidiano das pessoas – ao contrário de muitos outros tipos de vestígios arqueológicos, difíceis de interpretar, – pode ter feito com que fossem consideradas símbolos de um passado, distante ou próximo, que ajudou a construir a identidade de determinadas comunidades, como é o caso da Porca de Murça. Efetivamente, a construção de parte da identidade desta vila gira em torno da “Porca”. Provavelmente, é o berrão mais bem estudado em Portugal, cuja história do objeto arqueológico se funde com a história da localidade. Tornou-se um ex-libris da vila, estando a sua imagem e o seu nome “Porca de Murça” presente no logotipo da autarquia e junta de freguesia, de empresas privadas associadas à doçaria, ao vinho, ao azeite, em diversas publicações, em roteiros, postais, entre outros.

Neste texto, abordamos apenas a realidade portuguesa, mas também em Espanha existem inúmeros registos da tradição oral associada aos berrões, em tudo semelhantes ao que foi descrito ao longo deste artigo.

No que concerne a continuidade do estudo destas duas temáticas: a) os berrões e b) a tradição oral associada a estes vestígios arqueológicos, é necessário fazer uma atualização dos dados apresentados por Santos Júnior, em 1975, integrando os novos achados realizados até ao presente e que sugerem a descoberta de cerca de vinte novos exemplares, em diferentes contextos e diversos estados de conservação. Em relação ao estudo das lendas, seria interessante proceder-se à realização de trabalho de campo, recorrendo à realização de inquéritos ou entrevistas às comunidades locais, onde foram detetados berrões, no sentido de se consolidar este conhecimento que foi apresentado neste trabalho, mas que se limitou a sintetizar os dados apresentados por José Leite de Vasconcelos, Santos Júnior e o Abade de Baçal.

### Agradecimentos

António Luís Pereira; Eduardo Pinheiro; Helena Barbosa; Nuno Silva, Sérgio Gomes; Nelson Campos.

### Bibliografia

- ALVES, Francisco Manuel – Arqueologia transmontana. O Arqueólogo Português. Lisboa. 1ª série: 23. 1918, pp. 317-321.
- ALVES, Francisco Manuel – Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte. Porto: Emp. Guedes, Vol. 9. 2000.
- ARQUIVO PORTUGUÊS DE LENDAS (em linha). (2018) Disponível em: <http://www.lendarium.org/narrative/a-lenda-da-porca-de-murca/>
- BRITO, Joaquim Pais de – As ‘rodas’ de Rio de Onor: um princípio estrutural e estruturante. *Análise Social*, XXV. 1990, pp. 511 - 543.
- COSTA, António Luís Pinto da – O concelho de Murça (retalhos para a sua história). Murça: Câmara Municipal de Murça. 1992.
- ERIAS MARTÍNEZ, Alfredo – La eterna caza del jabalí. *Anuario Brigantino*, 22. 1999, pp. 317-378.
- FABIÃO, Carlos – O Passado Proto-Histórico e Romano. *História de Portugal* (dir. José Mattoso). Lisboa: Editorial Estampa. Vol. 1. 1997.
- GARIBO BODÍ, Joan; PEREIRA, Sérgio Simões – A civitas dos banienses: em torno da sua implantação e territorium. *Actas de las IV jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero 2014: del Paleolítico a la Edad Media*. (coord. por Santiago Martínez Caballero, Víctor Manuel Cabañero Martín, Carlos Merino Bellido). Glyphos Publicaciones. 2016, pp. 532-557.
- MATTOSO, José – A época Sueva e Visigótica. *História de Portugal*. Vol. 1. Antes de Portugal. Lisboa: Editorial Estampa. 1997.

OLIVEIRA MARQUES, A.H. de – O «Portugal» Islâmico. *Nova História de Portugal*. Direcção de Joel Serrão e AH de Oliveira Marques. Vol. II. Portugal das Invasões Germânicas à “Reconquista”. Lisboa: Editorial Presença. 1993.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos – Dois testemunhos, um galego e outro transmontano, da remota Zoolatria. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Vol. Porto. 24:4. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 1984, pp. 689-693.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos – A cultura dos berrões no nordeste de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 22:4. 1975, pp. 353-516.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos – Mais três berrões proto-históricos de Freixo de Espada à Cinta. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 24:1. 1981, pp. 101-120.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos – Animal Images and Zoolatry. *Epigraphic Society Occasional Papers*. Vol. 13. 1985. pp. 109-15.

SILVA, Armando Coelho – A Segunda Idade do Ferro. *Nova História de Portugal*. vol.1. Portugal, das Origens à Romanização. Lisboa: Editorial Presença. 1990.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; CAMPOS, Nelson – Arqueologia Bragançana antes, durante e depois do Abade de Baçal, até ao final do século XX. O estado dos conhecimentos no dealbar do século XXI. *Brigantia, Revista de Cultura*. Vol. XXXIV – XXXV Bragança: Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes. 2016-2017, pp. 1-470

VASCONCELLOS, José de Leite de – Religiões da Lusitânia III. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. 3. 1913.

VILAÇA, Raquel – Berrões. *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Alarcão, J. & Barroca, Mário. Porto: Figueirinhas. 2012.